

Desafios éticos de uma crise mundial: Uma crise latente, sua manifestação (COVID-19) e confrontos a partir da ética social católica

Ethical challenges of a world crisis: latent crisis, its manifestation (COVID-19) and questioning based on Catholic social ethics

ALEXANDRE A. MARTINS*

Abstract

The COVID-19 pandemic raises numerous ethical and bioethical challenges. It scares us with the numbers of people who were infected, hospitalized, killed. A pandemic impacts all, but not in the same way. This reveals structural injustices and inequalities of societies in a globalized world. Thus, the public health crisis created by COVID-19 exposes a latent crisis that questions the structures supporting the current dominant model of socioeconomic relations. This essay seeks to understand the ethical challenge of a world crisis, in which the pandemic is a manifestation of something deeper. It argues that the global public health crisis of COVID-19 and its extension into socioeconomic issues is a manifestation of a latent crisis that humanity has ignored in order to save the current economic system grounded on individualist competition, consumerism, and exploitation of the other. The author examines two concepts

* Professor no Departamento de Teologia e na Escola de Enfermagem da Marquette University, Milwaukee, WI – Estados Unidos; Doutor em Bioética e Ética Teológica pela Marquette University; <https://orcid.org/0000-0001-6132-594X>; alexandre.martins@marquette.edu.

of crisis: *out-crisis*, a pandemic as a symptom of something deeper; and *in-crisis*, a latent crisis of the neoliberal system that impacts the lives of the most vulnerable and allowed a devastating pandemic to happen. This essay is divided into two parts: first, the author maps the main ethical challenges of the pandemic as an *out-crisis*; then, he analyses the *in-crisis* and how it manifested in the pandemic based on the Catholic social teaching offered by Pope Francis. The conclusion is that the COVID-19 pandemic can be understood as an opportunity for a process of conscientization towards an ongoing movement of confronting the *out-crisis* and the *in-crisis* to build a new reality.

Keywords: COVID-19; Ethics; Bioethics; Out-crisis; In-crisis; Pope Francis.

Resumo

A pandemia de COVID-19 apresenta incontáveis desafios éticos e bioéticos. Ela assusta com seus números de infectados, hospitalizações e mortes. A pandemia impacta a todos, mas não da mesma forma, revelando assim as desigualdades e injustiças estruturais das sociedades em um mundo globalizado. Dessa forma, a crise sanitária criada pela COVID-19 revela a existência de uma crise latente que faz questionar as estruturas que sustentam o modelo dominante das relações socioeconômicas no mundo contemporâneo. O presente artigo busca compreender os desafios éticos de uma crise mundial, cuja pandemia é uma manifestação de algo mais profundo. A tese apresentada aponta que a crise sanitária global criada pela COVID-19, e suas ramificações para o plano socioeconômico, é uma manifestação da crise latente que a humanidade tem ignorado conjunturalmente, em vista de salvar o sistema econômico vigente com base individualista de competição, consumo e exploração do outro. Dessa forma, o autor trabalha com dois conceitos de crise: *out-crise*, a pandemia como manifestação de algo mais profundo; e *in-crise*, a crise latente do sistema neoliberal que, apesar de ignorada por muitos, é real na vida dos mais vulneráveis e permitiu que algo devastador como a pandemia de COVID-19 aconteça. O artigo está dividido em duas partes:

na primeira, mapeia-se os principais desafios éticos da pandemia como *out-crise*; na segunda, busca-se compreender, a partir do ensino social católico desenvolvido pelo Papa Francisco, a *in-crise* e como ela se manifestou na pandemia. Conclui-se que a pandemia de COVID-19 pode ser compreendida como uma oportunidade de conscientização em vista de criar um movimento contínuo de enfrentamento da *out-crise* e da *in-crise* para a construção de uma nova realidade.

Palavras-chave: COVID-19; Ética; Bioética; *Out-crise*; *In-crise*; Papa Francisco.

Introdução

A pandemia de coronavírus e da enfermidade causada por esse vírus, a COVID-19, afeta todo o mundo e seus habitantes. Não há um simples indivíduo que não seja afetado por essa pandemia, um impacto que vai desde ficar em casa ou ter que usar uma máscara, passando pelas consequências econômicas, até o drama da necessidade de hospitalização, ou ainda morte de alguém próximo. No dia 22 de dezembro, enquanto o presente texto era escrito, o painel COVID-19 da Organização Mundial de Saúde registrava 76.250.431 casos confirmados e 1 699 230 mortes, sendo os Estados Unidos (17 712 260; 315 318), o Brasil (7 238 600; 186 764) e a Índia (10 075 16; 146 111) os líderes em infecções e mortes¹. Vacinas trazem uma esperança. Há mais de 200 vacinas sendo desenvolvidas em todo mundo. Duas delas, desenvolvidas nos EUA pelas empresas Pfizer-BioNTech e Moderna, já foram aprovadas por agências de vigilância sanitária no Reino Unido, nos EUA e na União Europeia, e a vacinação em grupos prioritários já ocorre. Outras vacinas, como as desenvolvidas pela parceria Oxford/AstraZeneca e pela empresa chinesa Sinovac Biotech² também já foram apresentadas às agências sanitárias

¹ World Health Organization, «Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard,» consultado a 22/12/2020. <https://covid19.who.int/>.

² Essa vacina está sendo desenvolvida em parceria com o Instituto Butantã em São Paulo. Há uma outra vacina chinesa, desenvolvida pela empresa estatal Sinopham, que já está sendo utilizada na China, nos Emirados Árabes Unidos, no Bahrien e em Marrocos. Cf. Guilherme Castellar, «Três países aplicam outra vacina chinesa contra a COVID-19,» *Jornal Uol*, Rio de Janeiro, 23 dez. 2020. <https://noticias.uol>.

para verificar sua segurança e eficácia, a fim de que se inicie a imunização em mais países, especialmente nos países de média e baixa rendas, como o Brasil e outras nações da América Latina.

O número de mortes apresentado acima é assustador e não há quem não se choque com ele. O ano de 2020 entrará para a história como um dos mais difíceis para a humanidade e sua organização em sociedades. Os desafios criados pela pandemia da COVID-19 têm afetado a vida de todos. Mas o seu impacto não é sentido da mesma forma por todos. Alguns países conseguiram mitigar de uma forma melhor o avanço do coronavírus e cuidar dos enfermos com COVID-19 melhor do que outros. Dentro de cada país, grupos já marginalizados devido a injustiças socioeconômicas sofreram mais do que outros, sendo desproporcionalmente mais infectados, hospitalizados e mortos em consequência da COVID-19, além da maior vulnerabilidade ao impacto econômico, com o consequente desemprego. Em países como o Brasil e EUA, líderes em mortes, a pandemia escancarou as desigualdades socioeconômicas e de acesso à saúde, mostrando que as populações já marginalizadas – como os negros, os imigrantes e os pobres – são as mais infectadas, as que mais lidam com complicações que requerem cuidados intensivos de saúde e as que mais morrem. O coronavírus não escolhe as suas vítimas, mas a injustiça social mostra onde a maioria delas estão, abandonadas à própria sorte.

As vacinas trazem uma esperança. Se por um lado, vivemos um dos tempos mais difíceis da história, por outro, 2020 ficará marcado como um ano fabuloso para a ciência, apesar da contradição de um crescente movimento de negacionismo científico³. Desde os primeiros casos de infecções pelo coronavírus – em Wuhan, na China, no final de 2019 – até o desenvolvimento de uma vacina eficaz na imunização contra a COVID-19, e a primeira pessoa a ser vacinada, passou-se menos de um

com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/12/23/outra-vacina-chinesa-contracoronavirus.htm.

³ Sandra Caponi, «COVID-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal,» *Estudos Avançados* 34, 99, (2020): 209-224. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.013>.

ano. Uma conquista científica maravilhosa, num tempo recorde nunca visto na história⁴.

Números assustadores em um mundo parado devido a um microrganismo, e a luz no fim do túnel raiada pelas vacinas desenvolvidas em tempo recorde em uma inacreditável conquista científica, podem esconder uma crise latente que o mundo globalizado já experiencia há anos, mas poucos querem ver. O susto pelas milhares de mortes por COVID-19 e as dores econômicas das ações para mitigar a difusão do coronavírus forçam sociedades a se questionarem se a crise sanitária não seria apenas um sintoma, ainda que devastador, de uma crise mais profunda, que tem suas raízes no modelo construído para sustentar a existência humana em sociedades organizadas em cima de estruturas frágeis. Este artigo se soma ao questionamento para entender os desafios éticos de uma crise mundial do nosso modelo de organização socioeconômica e de relação com o outro, sendo esse outro tudo aquilo que não sou eu: outras pessoas, outras culturas, outras espécies e a outra na qual vivemos, a Terra.

A tese apresentada aqui é de que a crise sanitária global criada pela COVID-19, e suas ramificações para o plano socioeconômico e psicológico⁵, é uma manifestação da crise latente que a humanidade vem ignorando, de modo conjuntural, para manter o sistema econômico vigente com base individualista de exploração do outro⁶. Dessa forma, para compreender a crise mundial em que vivemos, cuja manifestação atual (COVID-19) afeta a todos, precisamos ir além dos sintomas, se desejarmos nos abrir para um novo horizonte pós-crise sanitária para enfrentarmos

⁴ Embora a COVID-19 tenha marcado de forma inacreditável a ciência este ano, com o desenvolvimento em tempo recorde de vacinas, as lições para o futuro da ciência precisam ser aprendidas para as próximas gerações de cientistas. Isso é o que defende o editorial de um dos mais prestigiosos periódicos científicos na área da saúde. The Lancet Editorial, «Science During COVID-19: Where Do We Go from Here?», *The Lancet* 396, 10267 (2020): 1941. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)32709-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)32709-4).

⁵ Aqui me refiro a questão dos problemas de saúde mental ligados a pandemia e as medidas de combate a ela com o distanciamento social, sobre isso veja: Betty Pfefferbaum, «Mental Health and the COVID-19 Pandemic», *The New England Journal of Medicine* 386, 6 (2020): 510-512. <https://doi.org/10.1056/NEJMp2008017>.

⁶ Nesse texto, todas as vezes que me refiro o outro sem especificar claramente quem é esse outro, estou me referindo a categoria outro que engloba todos aqueles a qual não são «eu»: outras pessoas, outras culturas, outras espécies e a outra na qual vivemos, a terra.

essa crise latente profunda. A pandemia é a *out-crise* de uma *in-crise* que não pode continuar sendo ignorada. Este texto mostrará essas duas facetas da crise mundial, a partir de uma perspectiva ética e em diálogo com o ensino social católico recente, que oferece recursos para compreender e enfrentar a *out-crise* e a *in-crise*. Um movimento contínuo que transforma a pandemia em uma oportunidade para nos lançarmos em uma reconstrução da relação com o outro.

1. A pandemia e os desafios éticos da *out-crise*

Out-crise e *in-crise* são termos cunhados para expressar a crise que se vê claramente exposta pela pandemia da COVID-19 e a crise que não é tão visível assim, mas que está aí e também impacta o mundo de forma global, gerando um sistema socioeconômico no qual pouquíssimos são os vencedores e muitos são os perdedores. No entanto, se nada mudar, todos perderão, pois a vitória econômica de alguns não será suficiente para conter o desastre global da destruição do outro.

Começemos pela *out-crise* exposta aos olhos de todos. No campo da saúde pública, nunca um vírus se espalhou tão rápido por todos os cantos do mundo, causando um colapso na maioria dos sistemas de saúde. O mundo, com todo o desenvolvimento tecnológico e médico das últimas décadas, não estava preparado para responder aos desafios de uma crise sanitária global. Profissionais de saúde – clínicos, sanitaristas e gestores hospitalares públicos e privados – não estavam aparelhados para essa crise e tampouco foram preparados para enfrentá-la. Em alguns países, como o Brasil, o coronavírus chegou bem depois dos dramas já ocorridos na China, na Itália e nos EUA, e houve oportunidade de acompanhar de longe o que acontecia, de perceber que o vírus não respeitava fronteiras, e de se preparar para a sua chegada em vista de uma resposta adequada, rápida e eficiente. Porém, a maioria deles optou por uma resposta reativa ao invés de serem proativos.

O Brasil, com a estrutura de seu sistema de saúde pública (SUS – Sistema Único de Saúde), mesmo com os ataques dos últimos anos para o seu desmantelamento por meio de políticas favorecendo o sistema

privado de saúde⁷, teria capacidade de se preparar para uma resposta eficiente no combate à COVID-19. Não iria evitar a chegada da pandemia ao país, mas certamente teria minimizado os seus efeitos e prevenido milhares de mortes. Contudo, a opção das autoridades federais foi de, primeiramente, negar a periculosidade do vírus e, posteriormente, minimizar seus efeitos letais e devastadores para o país. Enquanto isso, o coronavírus se espalhou por todos os municípios de seu território, chegando até regiões muito remotas, como as aldeias indígenas de difícil acesso no alto do Rio Amazonas, sufocando o sistema de saúde e destruindo vidas, com impacto devastador para milhares de famílias. Cada pessoa que morreu não é um número, mas um ser individual, com identidade e história. Se o que choca a sociedade, como um todo, são os números altíssimos de infectados e mortos, o que realmente deveria chocar é a morte individualizada, muitas das quais poderiam ser evitadas, mas que se tornou um outro esquecido no meio dos números. Para quem perde alguém, nunca será um número, mas uma dignidade pessoal destruída.

A pandemia de COVID-19 nos permite ver o outro que sofre, pois de uma forma ou de outra, somos parte dele. Mas a *in-crise* nos leva a lutar pelo «eu,» criando uma situação de «salve-se quem puder» que facilmente, diz Papa Francisco, pode se tornar uma «batalha de todos contra todos»⁸. Trabalharemos essa *in-crise* na próxima parte. Agora apresentamos um mapeamento da *out-crise*, visível nas questões e dilemas bioéticos criados pela pandemia.

A bioética, como uma ética aplicada às ciências da vida⁹, nos permite olhar para a *out-crise* criada pela pandemia sem reduzi-la às questões meramente clínicas, como o dilema entre a alta demanda de pacientes

⁷ Lígia Bahia, «Trinta Anos de Sistema Único de Saúde (SUS): Uma Transição Necessária, Mas Insuficiente,» *Cadernos de Saúde Pública* 34, 7 (2018): 1-16. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00067218>.

⁸ Papa Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. 03 out. 2020, no. 36. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html.

⁹ A enciclopédia de bioética define essa área do saber como «o estudo sistemático da conduta humana na área das ciências da vida e da assistência à saúde, na medida que essa conduta é analisada sob a luz de valores e princípios morais»: Bruce Jennings, «Introduction,» in *Bioethics*, ed. by B. Jennings, 4th ed., vol. 1, (Farmington Hills: Macmillan, 2014), xv-xxii.

necessitando um leito de UTI e a escassez desses leitos. Um grupo de bioeticistas estadunidenses da *Association of Bioethics Program Directors* (ABPD)¹⁰, de modo muito didático e objetivo, ajuda-nos a entender os principais dilemas e desafios bioéticos criados, revelados e exacerbados pela pandemia, sugerindo assim que os desafios não são simplesmente aqueles que a pandemia criou – como uma altíssima demanda de pacientes com COVID-19 necessitando de respiradores mecânicos ou a imposição de leis que obrigam as pessoas a ficar em casa para diminuir o contágio, restringindo o poder individual de decisão –, mas também o escancarar de estruturas de injustiça social e desigualdade em saúde que fazem grupos já marginalizados serem os que mais sofrem o impacto da pandemia: com mais infecções, hospitalizações e mortes¹¹, além das perdas econômicas, como o desemprego¹².

A ABPD reconhece que uma pandemia acontece dentro de um contexto de características e desafios históricos e políticos únicos em um dado momento. Assim, a pandemia de COVID-19, com os desafios bioéticos dos sistemas de saúde sobrecarregados em todo o mundo, não está isenta

¹⁰ Amy L. McGuire *et al.*, «Ethical Challenges Arising in the COVID-19 Pandemic: An Overview from the Association of Bioethics Program Directors (ABPD) Task Force,» *The American Journal of Bioethics* 20, 7 (2020): 15-27. <https://doi.org/10.1080/15265161.2020.1764138>.

¹¹ De acordo com a agência de saúde pública estadunidense CDC (Centers for Disease Control and Prevention), nos EUA, as populações negras e latinas são mais infectadas (1,4 e 1,7x a mais), hospitalizadas (3,7 e 4,1) e mortas (2,8 e 2,8) que a população branca. Centers for Disease Control and Prevention, «COVID-19 Hospitalization and Death by Race/Ethnicity,» 30 nov. 2020. <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/COVID-data/investigations-discovery/hospitalization-death-by-race-ethnicity.html>.

¹² No Brasil, os trabalhadores informais, que já sofrem com a baixa-renda, são os que mais perderam renda e emprego durante a pandemia. Ademais, esses trabalhadores – como os entregadores de aplicativos e moradores de bairros empobrecidos e com alta densidade demográfica – estão entre os grupos com maior risco de infecção, necessidade de hospitalização e com maiores índices de morte, sendo duas das causas a impossibilidade de seguir as regras de distanciamento social e a falta de opção de trabalhar em casa. Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –, em novembro de 2020, o desemprego chegou a 14,2%, o maior já registrado na história do país, sendo que o desemprego é maior entre as mulheres (17,2%) e os negros e pardos (16,5%). O IBGE também apresenta que o trabalho informal – aquele que não tem nenhuma proteção social ou trabalhista, tornando muitos trabalhadores altamente vulneráveis à infecção pelo coronavírus – bateu recordes, chegando a 34,5% entre as pessoas ocupadas no Brasil. Darlan Alvarenga, «Desemprego diante da pandemia atinge 14,2% em novembro e bate novo recorde,» *Jornal G1*, 23 dez. 2020. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/12/23/desemprego-diante-da-pandemia-atinge-142percent-em-novembro-e-bate-novo-recorde.ghtml>.

do momento histórico e político em que vivemos¹³. Isso faz com que os dilemas nos prontos-socorros e clínicas dos hospitais estejam imbricados no momento presente e na construção histórica que levou à realidade na qual vivemos hoje, o que denominamos de *in-crise*. A força-tarefa da ABPD apresenta dois grupos de questões bioéticas: as relacionadas aos sistemas de saúde e as questões sociais. Segundo eles, a necessidade de alocação de recursos em um contexto de escassez conecta «desafios éticos aos sistemas de saúde e à sociedade, incluindo como definir benefício, como lidar com o consentimento esclarecido, as necessidades particulares de pacientes pediátricos, como engajar as comunidades nessas difíceis decisões e como mitigar as discriminações e os efeitos das desigualdades estruturais»¹⁴.

De modo claro, os bioeticistas da ABPD elencam sete desafios éticos no grupo relacionado aos sistemas de saúde. Esses desafios são de caráter ético clínico, envolvendo decisões relacionadas à assistência, a pacientes e à manutenção dos próprios profissionais de saúde. Esses sete desafios são: (1) uso apropriado de um sistema de prognóstico capaz de gerar maior benefício aos pacientes, ser justo nos critérios de escolha entre eles e evitar discriminações devido à escolha de critérios que excluam pacientes de grupos socialmente marginalizados; (2) padrões para o cuidado pediátrico: embora a COVID-19 não tenha o mesmo impacto em crianças como em adultos, a questão da assistência médica a crianças precisa levar em consideração suas necessidades naturais de desenvolvimento; (3) proteção e prioridade dos trabalhadores da saúde, uma vez que eles multiplicam o benefício de saúde pública cuidando dos enfermos, em altíssima demanda, em um período pandêmico; (4) protocolos de cuidados de pacientes não-críticos e não relacionados à COVID-19: a pandemia não elimina a necessidade de cuidados de pacientes com outras enfermidades; embora ela precise ser tratada como prioridade, há o desafio de encontrar um adequado equilíbrio; (5) consentimento livre e

¹³ McGuire *et al.*, «Ethical Challenges Arising in the COVID-19 Pandemic,» 15.

¹⁴ McGuire *et al.*, «Ethical Challenges Arising in the COVID-19 Pandemic,» 16.

esclarecido: o contexto de urgência e escassez de uma pandemia coloca grandes desafios, exige respeito à autonomia e gera um conflito, porque muitas vezes pacientes e familiares não concordam com as decisões relacionadas à triagem e à alocação de recursos; (6) o esgotamento moral dos profissionais de saúde reflete a sua vulnerabilidade mental em um contexto como esse, onde há muita pressão vinda da prática clínica, das difíceis decisões que devem ser tomadas, dos sistemas de saúde e de seus administradores; (7) a vulnerabilidade econômica dos sistemas de saúde: a ABPD refere-se ao sistema estadunidense, que não oferece um sistema universal de saúde pública, sendo composto por um conjunto de empresas privadas que operam dentro de um mercado livre de saúde e que, nesta pandemia, precisam atender a todos, mesmo sem serem compensadas economicamente de forma satisfatória; mas essa preocupação também se aplica a sistemas públicos universais financiados pelo Estado, pois a alta demanda de pacientes cria uma vulnerabilidade no uso dos recursos econômicos necessários para o funcionamento do sistema¹⁵. Não vamos discutir todos os conflitos particulares dentro de cada um desses desafios, apenas mostrar que o seu conjunto expõe a complexidade dos desafios éticos da *out-crise* que sistemas de saúde enfrentam nesta pandemia. Porém, os desafios não param por aí, pois todas essas questões bioéticas clínicas acontecem dentro de um momento histórico e político, com os seus desafios sociais que estão imbricados nos dilemas clínicos, tornando a situação ainda mais complexa.

De acordo com a ABPD, o segundo grupo de desafios bioéticos é de caráter social. Os bioeticistas dessa força-tarefa destacam quatro desafios sociais: (1) engajamento da comunidade nos processos de decisões e nas respostas à pandemia, necessário para criar ações mais eficientes e construir confiança entre profissionais de saúde, gestores e a população em geral. Porém, isso é algo muito difícil de se colocar em prática, quando uma estrutura prévia nunca existiu, como é o caso dos EUA. O Brasil tem essa estrutura participativa e de ação como parte da atenção primária

¹⁵ McGuire *et al.*, «Ethical Challenges Arising in the COVID-19 Pandemic,» 16-21.

do SUS, como os Conselhos de Saúde, as Unidades Básicas de Saúde e os Programas de Saúde da Família. Todavia, os ataques contra o SUS nos últimos anos, para favorecer o setor privado de saúde, enfraqueceu essa estrutura tão necessária, especialmente agora com a chegada das vacinas e a falta de confiança de boa parte da população. (2) A capacidade de atenção à saúde nas comunidades rurais e mais remotas, onde o vírus chegou e encontrou uma população mais vulnerável e com menos recursos de saúde. (3) Considerações legais entre o que pode ser estabelecido, e até mesmo obrigado, pelos estados e o direito individual das pessoas. A ABDP apresenta a preocupação com as consequências legais dentro do sistema federalista dos EUA e o conflito entre União e estados. Apesar do Brasil ter um sistema de saúde unificado, o atual governo federal tem forçado um projeto de federalismo com «efeitos negativos significativos na luta contra a COVID-19»¹⁶. (4) Por fim, a discriminação e a necessidade de equidade em saúde. Como mencionado anteriormente, as injustiças socioeconômicas e o racismo estrutural, que afetam de forma muito clara sociedades como a brasileira e a estadunidense, criam um grande desafio ético para as respostas à pandemia de COVID-19, que tem infectado e levado a óbito muito mais pessoas negras e pobres¹⁷ – que já vinham sofrendo com estruturas de opressão social e que agora se tornaram determinantes para o seu sofrimento desproporcional durante a pandemia¹⁸.

¹⁶ Fernando Luiz Abricio *et al.*, «Combating COVID-19 under Bolsonaro's federalism: a case of intergovernmental incoordination,» *Brazilian Journal of Public Administration* 54, 4 (2020): 673. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-761220200354x>.

¹⁷ Vejam esses estudos sobre o impacto desproporcional da COVID-19 em comunidades marginalizadas e empobrecidas, como as negras e as imigrantes, no Brasil e nos EUA: Maritza Vasquez Reyes, «The Disproportional Impact of COVID-19 on African Americans,» *Health and Human Rights Journal* 22, no. 2 (2020): 299-307; Lauro M. Demenech *et al.*, «Desigualdade econômica e risco de infecção e morte por COVID-19 no Brasil,» *Revista Brasileira de Epidemiologia* 23 (2020): 1-12. <https://doi.org/10.1590/1980-5497202000095>; Roberta Gondim de Oliveira *et al.*, «Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural,» *Cadernos de Saúde Pública* 36, 09 (2020): 1-14. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00150120>.

¹⁸ McGuire *et al.*, «Ethical Challenges Arising in the COVID-19 Pandemic,» 21-24. No artigo, as «considerações legais» aparecem como o quarto desafio social e a «discriminação e necessidade de equidade» como o terceiro. Inverte simplesmente porque a discriminação aponta para as injustiças socioeconômicas, permitindo-nos conectar diretamente com a próxima parte do artigo, que é relacionada a *in-crise*, uma vez que a questão da opressão estrutural é parte dessa crise.

A estrutura de opressão social que faz as populações marginalizadas – como negros, imigrantes e pobres – sofrerem desproporcionalmente com a pandemia de COVID-19 é um reflexo *in-crise*, e revela sua clara relação com a *out-crise*. Como *out-crise*, a crise sanitária da COVID-19 é uma manifestação da *in-crise* que já vem há anos sendo cozinhada na panela de pressão do capitalismo neoliberal globalizado, que exclui, oprime e mata muita gente em todos os cantos do mundo, mas de forma silenciosa, porque os que controlam essa panela tentam esconder sua pressão, a ponto de fazê-la explodir por meio de ilusões que dominam a mente da maioria das pessoas, inclusive dos oprimidos¹⁹. A pandemia é a fumaça que sai dessa panela e que agora todos veem, cheiram e querem combater; mas, a eliminação dessa fumaça não impedirá a explosão da panela, que implicará na eliminação do outro, se a *in-crise* não for reconhecida e também combatida.

2. Uma crise latente: *in-crise* e a oportunidade que a pandemia oferece

Desde a origem da filosofia ocidental na Grécia, a busca dos pensadores, que viria a resultar na síntese grego-judaico-cristã²⁰, foi pelo *ser*. Um dos resultados dessa busca foi o desenvolvimento do conceito de pessoa, o qual foi fundamental para a compressão de Jesus de Nazaré como duas naturezas em uma só pessoa, e para a explicação do mistério trinitário, um Deus em três pessoas. O conceito de pessoa é fundamental para a bioética, especialmente para a sua matriz católica que se move fundamentada, primordialmente, na dignidade da pessoa humana, algo intrínseco e inalienável a todos os indivíduos²¹. Para o ensino social da Igreja Católica, o respeito e a promoção da dignidade da pessoa são

¹⁹ Paulo Freire já dizia que o processo de libertação e reconstrução do mundo começa com a conscientização, isto é, a libertação da mente da ilusão do capitalismo e da sociedade de mercado com seu falso determinismo histórico. Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, 59.^a ed. (Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015), 41.

²⁰ Henrique de Lima Vaz, «Transcendência: Experiência Histórica e Interpretação Filosófico-Teológica,» *Síntese: Nova Fase* 19, 59 (1992): 443-460.

²¹ Francisco, *Fratelli Tutti*, no. 213.

fundamentais para a construção de sociedades justas: «Uma sociedade justa só pode ser realizada no respeito pela dignidade transcendente da pessoa humana. Esta representa o fim último da sociedade, que a ela é ordenada: portanto, a ordem social e o seu progresso devem ordenar-se incessantemente ao bem das pessoas, pois a organização das coisas deve subordinar-se à ordem das pessoas e não ao contrário.»²²

A Declaração Universal dos Direitos Humanos também abraçou o conceito de pessoa ao defender a «dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo,» e ao reconhecer que todos «nascem livres e iguais em dignidade e em direitos»²³. Isso mostra a forma como os conceitos de pessoa e de dignidade foram atribuídos a todos os indivíduos humanos, algo fundamental à bioética e ponto de partida para encontrar caminhos para resolver os desafios apresentados acima.

As sociedades ocidentais, especialmente a estadunidense, pioneira nos estudos de bioética, encontrou na autonomia individual de auto-determinação um caminho privilegiado para a promoção e a realização da pessoa em sua dignidade²⁴. Se, por um lado, a autonomia tornou-se um princípio bioético que possibilita o empoderamento de pacientes e voluntários na sua relação com profissionais de saúde e pesquisadores clínicos, por outro, ela se tornou também o meio primordial para resolver conflitos, como se os dilemas bioéticos fossem isolados de comunidades, de sociedades e dos desafios dos momentos históricos e políticos no qual

²² Pontifício Conselho Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (São Paulo: Paulus, 2005), no. 132.

²³ Organização das Nações Unidas, «Declaração Universal dos Direitos Humanos,» Preâmbulo e Artigo 1, Acesso 22 dez. 2020. https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr_translations/por.pdf.

²⁴ A chamada bioética principialista desenvolvida por bioeticistas do Instituto Kennedy de Bioética, na capital estadunidense, enfatiza os princípios de autonomia, beneficência e justiça como *prima facie*. Contudo, na prática, o princípio de autonomia tornou-se predominante, especialmente quando há conflitos entre os princípios no contexto clínico. Cf. T. L. Beauchamp e J. F. Childress. *Principles of Biomedical Ethics*, 7th ed. (New York: Oxford University Press, 2013). Uma crítica pertinente ao paradigma principialista como *prima facie* pode ser encontrado em Diego Gracia, «Hard Times, Hard Choices: Founding Bioethics Today,» *Bioethics* 9, 3 (1995): 192-206. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8519.1995.tb00355.x>.

todos estão inseridos. De modo muito livre, arriscamos dizer que a busca pelo *ser se satisfaz*, na contemporaneidade, com a absolutização ética da autonomia, particularmente na bioética, onde a principal manifestação social e cultural desse exagero é o fenômeno do individualismo, cada vez mais forte nas sociedades ocidentais desenvolvidas e em expansão global. Esse individualismo limita a realização da dignidade humana à liberdade e ao desejo individual, desconectados da justiça e fomentados por um sistema desigual de competição neoliberal. Aqui está a *in-crise* em que vivemos, criada por um modelo de competição econômica que explora o outro para simplesmente beneficiar o eu individualizado dos desejos, separado do outro que, vulnerável, se torna um instrumento dentro de um modelo consumista-exploratório²⁵. É nessa *in-crise* cultural e do modelo econômico neoliberal que a COVID-19 apareceu e se tornou um problema global, mostrando que a questão não é apenas uma nova doença infecciosa que precisa ser controlada, mas como essa doença encontrou um mundo globalizado que permite sua rápida proliferação, incapaz de conter a infecção e de responder em tempo para evitar o desastre humano e socioeconômico que vivenciamos.

O cientista político português João Nunes, especializado em relações internacionais e saúde global, desenvolve muito bem o que chama de «crise do neoliberalismo e vulnerabilização» global como o conjunto de fatores que permitiram à COVID-19 tornar-se uma pandemia. Segundo ele, o modelo econômico neoliberal está fincado em um ajustamento estrutural para a máxima contenção possível dos gastos públicos com serviços sociais. Assim, esse modelo promove políticas de austeridade, diminuição da ação nos estados e promoção do setor privado com a primazia do mercado. O impacto desse modelo nos sistemas de saúde é gigantesco. Diz João Nunes:

²⁵ Sobre esse modelo consumista-exploratório, veja o meu ensaio sobre a perspectiva ecológica do Papa Francisco e sua proposta de um modelo cuidadoso-sustentável: Alexandre A. Martins, «A violência contra a terra: o rosto Crucificado na terra crucificada,» in *A Moral do Papa Francisco: Um projeto dos descartados*, ed. R. Zacharias e M. I. Castro Millen (Aparecida: Editora Santuário, 2020), 173-196.

O neoliberalismo [...] concretizou-se em políticas de ajustamento estrutural focadas na contenção de despesa pública que, por sua vez, resultam na desorçamentação e desmantelamento de sistemas públicos de saúde em todo o mundo. Essa tendência foi agravada pela crise financeira de 2008, à qual muitos governos responderam com políticas de austeridade que deram um novo impulso ao projeto neoliberal de deslegitimação da saúde como bem comum. [...] Nesse contexto, a pandemia é um fenômeno político com as suas raízes no nosso passado recente neoliberal. A história da COVID-19 é feita de ações e omissões, ao longo das últimas décadas, que reduziram a capacidade dos sistemas de saúde de vigiar, conter e mitigar epidemias.²⁶

Esse modelo neoliberal não impacta apenas as relações econômicas e os serviços públicos. Ele expande as dinâmicas sociais e culturais das relações humanas, fazendo com que o individualismo e a competitividade se tornem os valores que conduzem a sociedade, o que tem levado à «destruição de redes de solidariedade e empatia essenciais ao esforço conjunto que a resposta à COVID-19 tornou necessário»²⁷. O modelo neoliberal criou condições para a pandemia ao destruir ou enfraquecer, economicamente, os sistemas públicos de saúde (não é por acaso que os EUA, onde a assistência à saúde é controlada pelo mercado de saúde, é o líder em mortes), e ao destruir, culturalmente, a solidariedade social por meio do individualismo e da competição. (Isso é muito visível quando as pessoas em todo o mundo se recusam a manter o distanciamento social e continuam promovendo aglomerações para satisfazer os seus desejos. As celebrações de fim de ano, no Brasil e nos EUA, em meio a picos de infecção e morte, mostraram claramente essa falta de solidariedade coletiva e a absolutização da autonomia e do desejo individual, por meio do individualismo.)

²⁶ João Nunes, «A pandemia de COVID-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global,» *Cadernos de Saúde Pública* 36, 4 (2020): 2. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00063120>.

²⁷ Nunes, «A pandemia de COVID-19,» 3.

O Papa Francisco complementa essa busca para compreender a *in-crise* que o mundo globalizado vive. Segundo ele, o individualismo, a indiferença, o consumismo e a cultura do descartável estão nas raízes da crise mundial, onde a crise ecológica e a pobreza são as faces mais visíveis, mas também as mais facilmente ignoradas. A pandemia de COVID-19 veio para escancarar a *in-crise*, pois é uma *out-crise* difícilíssima de ser ignorada, até mesmo pelas pessoas cuja ações não são condizentes com a situação, expondo-se ao risco de se infectar ou infectar alguém mais vulnerável.

Como a voz viva do magistério do ensino social católico, o Papa Francisco entendeu, desde o início de seu pontificado, a crise latente em que o mundo vive com o modelo econômico de competição neoliberal e a exploração sem limites dos recursos naturais. Apresentamos agora alguns elementos do pensamento de Francisco, que mostram a sua análise da realidade e nos oferecem elementos essenciais para compreender a *in-crise* do mundo globalizado, a partir de três dos seus principais documentos, *Evangelii Gaudium* (2013), *Laudato Si'* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020). Esses três textos, que se encontram exatamente no início, no meio e no «fim» de seu pontificado até o momento, permitem compreender sua análise da realidade e suas propostas, como sugestões de princípios éticos e bases que precisamos seguir na ordem de construir um novo modelo de organização social, de caráter cuidadoso e sustentável, a partir da atenção preferencial aos clamores do outro mais vulnerável, como os pobres e a terra²⁸. Ademais, como Francisco repete várias vezes em seus textos, tudo o que apresenta é uma proposta para um diálogo mais amplo e profundo com a sociedade, em vista do bem comum.²⁹ Está longe do horizonte

²⁸ A opção preferencial pelos pobres, estendida também à terra como uma pobre que sofre ao lado dos pobres (*Laudato Si'*, no. 2), é apresentada por Francisco como «uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum» (*Laudato Si'* no. 158).

²⁹ Na sua encíclica sobre a crise ecológica, uma área que exige muito conhecimento técnico e interdisciplinar, Francisco deixa bem claro: «Nesta encíclica, pretendo especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum» (*Laudato Si'*, no. 03) e reafirma: «Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta» (*Laudato Si'*, no. 14). A mesma postura dialógica está presente na *Fratelli Tutti*: «Embora a tenha escrito a partir das minhas convicções cristãs, que me animam e nutrem, procurei fazê-lo de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade» (*Fratelli Tutti*, no. 06) e que esse diálogo possa ser interdisciplinar para

de Francisco que a Igreja Católica, e muito menos ele próprio, sejam os detentores de todas as respostas para enfrentar a crise em que vivemos. Essa empreitada precisa ser assumida por toda a humanidade, vendo a si mesma como uma comunidade global de solidariedade³⁰.

Como vimos acima, no sistema econômico dominante no mundo de hoje está a raiz, senão a razão principal, da *in-crise* que vivenciamos. Os princípios que guiam esse sistema não apenas orientam as relações comerciais nacionais e internacionais com uma economia neoliberal globalizada, mas também permeiam a vida das pessoas por meio de transformações culturais que assumem os mesmos princípios, de liberdade econômica e competição, nas relações humanas, tanto no plano individual como no coletivo, com sua versão cultural de individualismo e consumismo. Segundo Francisco, esse modelo econômico mata³¹. Para sustentá-lo, criou-se um sistema de exclusão do outro que o torna um instrumento sujeito ao descarte. Já em 2013, Francisco identificava isso que chama de «globalização da indiferença e cultura do descartável»:

Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe.³²

abrançar os vários aspectos da crise (*Fratelli Tutti*, no. 177).

³⁰ Diz Papa Francisco: «É preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença» (*Laudato Si'*, no. 52).

³¹ Papa Francisco, *Exortação Apostólica Pós-sinodal «Evangelii Gaudium.»* 24 nov. 2013, no. 53. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.

³² Francisco, *Evangelii Gaudium*, no. 54.

A indiferença tem sido alimentada pela cultura da competitividade, que torna o outro um competidor ou uma força inferiorizada para ser explorada; e quando não é mais possível se beneficiar dela, é descartada para não atrapalhar:

Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do «descartável,» que aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas duma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são «explorados,» mas resíduos, sobras.³³

Papa Francisco faz lembrar o que o uruguaio Eduardo Galeano, no poema *Os nadas*, já dizia muito bem nos anos 1990 sobre as pessoas que o sistema neoliberal não vê, mas explora: os nadas «não são seres humanos, mas recursos humanos; não tem rosto, senão braços; não tem nome, senão números»³⁴. Os números da pandemia chocam, mas para os que se beneficiam desse sistema econômico, são apenas números e a preocupação com eles vai até o momento que competem com os números da economia, agora afetada pela COVID-19. Porém, quando não mais existir uma relação direta entre a economia global e a COVID-19, os mortos serão apenas descartados pela indiferença, se nada mudar.

A perspectiva de Francisco da *in-crise* vai além do modelo econômico nas relações de mercado, mas também está presente na vida das pessoas

³³ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, no. 53.

³⁴ Eduardo Galeano, *El Libro de los Abrazos*, 29.^a ed. (Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2009), 52. A primeira edição foi publicada em 1989.

por meio da cultura, cuja maior manifestação é o consumismo e o individualismo. Segundo o Papa, o consumismo é uma redução antropológica promovida pelo modelo econômico dominante e suas crises financeiras, pois reduz a dignidade da pessoa humana à sua capacidade de consumir³⁵. Quem não se inclui pelo consumo é descartado. O consumismo distorce o sentido do desenvolvimento social e é alimentado pelo individualismo pós-moderno e globalizado, que «favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre pessoas»³⁶. Sendo parte da cultura, a maioria das pessoas, dos mais simples aos mais poderosos, não percebem o mal desse modelo baseado na distorção do sentido de liberdade e na competitividade. Assim, todos experienciam, mesmo na *in-crise*, um movimento paradoxal de sofrer as consequências desse modelo e, ao mesmo tempo, alimentá-lo, acreditando em suas ilusões. Francisco expõe isso claramente na *Fratelli Tutti*:

O individualismo não nos torna mais livres, mais iguais, mais irmãos. A mera soma dos interesses individuais não é capaz de gerar um mundo melhor para toda a humanidade. Nem pode sequer preservar-nos de tantos males, que se tornam cada vez mais globais. Mas o individualismo radical é o vírus mais difícil de vencer. Ilude. Faz-nos crer que tudo se reduz a deixar à rédea solta as próprias ambições, como se, acumulando ambições e seguranças individuais, pudéssemos construir o bem comum.³⁷

A pandemia expôs isso. Segundo o teólogo estudioso do pensamento de Francisco, João Décio Passos, interpretando a *Fratelli Tutti*, a pandemia confirmou a tese do documento que é, a seu ver, «a contradição e a impotência das soluções econômicas e políticas oferecidas até então e a urgência de se buscarem novas formas de organização política planetária,

³⁵ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, no. 60.

³⁶ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, no. 67.

³⁷ Papa Francisco, *Fratelli Tutti*, no. 105.

para que se possa garantir da vida digna de todos e a convivência global da humanidade»³⁸. Essa contradição não se limita apenas às relações de mercado, mas faz parte das relações intrapessoais que suprimem a perspectiva de comunidade e solidariedade³⁹ entre as pessoas, colocando em seu lugar o egoísmo do modelo econômico indiferente ao outro e a sua dor.

Em sua compressão da *in-crise*, Francisco expande sua perspectiva para a questão ecológica, mostrando a Terra como esse ser vulnerável que também clama por vida e cuidado. Ele mostra como o modelo econômico dominante e as forças do mercado não conseguiram reverter essa crise por si mesmos⁴⁰. Eles estão na causa dela. Os mitos da modernidade – «individualismo, progresso ilimitado, concorrência, consumismo e mercado sem regras»⁴¹ – fizeram que chegássemos aonde estamos e essa crença não vai nos retirar da *in-crise*. Na *Laudato Si'*, Francisco mostra que a dor da Terra, explorada de forma ilimitada, e a dor dos pobres, oprimidos por um sistema que os marginaliza, estão juntas⁴² e temos que enfrentar esse desafio duplo de maneira abrangente:

É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem

³⁸ João D. Passos, «A pandemia na encíclica *Fratelli Tutti*: irmãos no planeta em crise,» *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura*, XVI, 64 (2020): 90.

³⁹ Solidariedade, «como atitude moral e social» é um princípio social da Igreja, «um caminho para a paz e, ao mesmo tempo, para o desenvolvimento» em vista do bem comum (Papa João Paulo II, *Carta encíclica sollicitudo rei socialis*, 30 dez. 1987, n.ºs 38, 39. http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html). Ademais, solidariedade como um princípio social também é defendido por vozes seculares, particularmente na pandemia de COVID-19: «O princípio de solidariedade serve como um meio para guiar planejamentos sistemáticos que podem harmonizar respostas nacionais e internacionais para facilitar medidas médicas e não médicas contra o vírus.» Anita Ho e Iulia Dascalu, «Global Disparity and Solidarity in a Pandemic,» *Hastings Center Report* 50, 3 (2020): 66. <https://doi.org/10.1002/hast.1138>.

⁴⁰ Papa Francisco, *Carta Encíclica «Laudato Si'»*, 24 maio 2015, 109, 190. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html.

⁴¹ Papa Francisco, *Laudato Si'*, no. 210.

⁴² Papa Francisco, *Laudato Si'*, no. 49.

uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza.⁴³

Compreender a *in-crise* é conscientizar-se de uma única crise nas bases de sustentação do corrente modelo de relação com outro: outras pessoas, outras culturas, outras espécies e a outra na qual vivemos, a Terra. Apesar de ser única, a *in-crise* tem várias facetas e manifestações, sendo a pandemia uma delas, a que no momento é extremamente visível e tem revelado muitas dessas outras facetas, como as desigualdades sociais de saúde. E a crise ecológica é certamente a mais dramática de todas, pois ainda não é tão visível para muitos; não é conhecida por multidões, além de ser negada por incontáveis indivíduos, incluindo líderes mundiais. Contudo, não tem como enfrentarmos os desafios dessa crise se ficarmos apenas atacando os sintomas, cada uma em sua área, sem nos comunicarmos de forma interdisciplinar, sem dialogarmos amplamente com a sociedade, incluindo os pobres e os grupos marginalizados nessa conversa, e continuando a negar a *in-crise*, alimentando-nos das ilusões do modelo econômico neoliberal.

A pandemia de COVID-19 é uma manifestação (*out-crise*) de uma crise latente mais profunda (*in-crise*). Certamente é a manifestação visível mais globalizada e devastadora da *in-crise*, cujos efeitos devastadores já vinham sendo sentidos diariamente por milhares de pessoas, que sofrem e morrem com a injustiça socioeconômica, a pobreza, a fome, o desemprego, a falta de acesso à saúde, as tragédias ecológicas que afetam os mais vulneráveis, o racismo, o sexismo e as guerras, para citar algumas das manifestações desses efeitos. Contudo, essas vítimas são como «os nadas» que as forças criadoras da *in-crise* – como a indiferença, o individualismo, a competição e a cultura do descartável – não querem que vejamos. Essas mesmas forças desejam também limitar o impacto da pandemia a números sem rostos e sem histórias, pois assim o capitalismo poderá se reerguer no pós-pandemia. A *out-crise* é uma oportunidade para

⁴³ Papa Francisco, *Laudato Si'*, no. 139.

reconhecer que existe uma *in-crise* que a gerou, para ir às raízes dessa crise a fim de que o antigo normal não retorne, e para vislumbrar uma nova realidade a ser construída.

Conclusão

O objetivo deste texto foi mostrar os desafios da pandemia de COVID-19 como uma *out-crise*, isto é, a manifestação visível de uma *in-crise* que está latente no sistema econômico neoliberal globalizado e que domina as relações comerciais, sociais e humanas, afetando todas as formas pelas quais o «eu» se aproxima e interage com o «outro». O desafio ético não está apenas na pandemia, mas no modo como podemos nos aproveitar dela para nos conscientizarmos da *in-crise* do sistema e das ilusões que tem destruído esse outro com o qual nos relacionamos. Se não mudarmos, poderá não sobrar ninguém, nem mesmo os que hoje se beneficiam desse sistema. Como afirma Passos: «A pandemia cumpriu um papel político-pedagógico inédito e deixou seus recados a quem quiser ouvir: o individualismo produz como resultado a destruição final de tudo; todos precisam de todos para avançar para um futuro viável.»⁴⁴ Essa pedagogia já terá sucesso se a pandemia conseguir conscientizar o maior número possível de pessoas quanto aos desafios da *out-crise* (a pandemia e outras manifestações como a morte precoce de pessoas sem acesso à saúde devido à pobreza) e da *in-crise*, para reconstruir a realidade, como sugere Paulo Freire, sem as ilusões do capitalismo e seu determinismo histórico⁴⁵.

Bibliografia

Abricio, Fernando L. *et al.*, «Combating COVID-19 under Bolsonaro's federalism: a case of intergovernmental incoordination.» *Brazilian Journal of Public Administration* 54, 4 (julho 2020): 663-677. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-761220200354x>.

⁴⁴ Passos, «A pandemia na encíclica *Fratelli Tutti*,» 94.

⁴⁵ Freire, *Pedagogia do Oprimido*, 32.

- Alvarenga, Darlan. «Desemprego diante da pandemia atinge 14,2% em novembro e bate novo recorde.» *Jornal G1*, 23 dez. 2020. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/12/23/desemprego-diante-da-pandemia-atinge-142percent-em-novembro-e-bate-novo-recorde.ghtml>.
- Bahia, Lígia. «Trinta Anos de Sistema Único de Saúde (SUS): Uma Transição Necessária, Mas Insuficiente.» *Cadernos de Saúde Pública* 34, 7 (2018): 1-16. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00067218>.
- Beauchamp, T. L. e J. F. Childress. *Principles of Biomedical Ethics*, 7th ed. New York: Oxford University Press, 2013.
- Caponi, Sandra. «COVID-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal.» *Estudos Avançados* 34, 99 (julho 2020): 209-224. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.013>.
- Castellar, Guilherme. «Três países aplicam outra vacina chinesa contra a COVID-19.» *Jornal Uol*, 23 dez. 2020. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/12/23/outra-vacina-chinesa-contracoronavirus.htm>.
- Centers for Disease Control and Prevention. «COVID-19 Hospitalization and Death by Race/Ethnicity.» 30 nov. 2020. <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/covid-data/investigations-discovery/hospitalization-death-by-race-ethnicity.html>.
- Pontifício Conselho Justiça e Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2005.
- Demenech, Lauro M. *et al.*, «Desigualdade econômica e risco de infecção e morte por COVID-19 no Brasil.» *Revista Brasileira de Epidemiologia* 23 (out. 2020): 1-12. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200095>.
- Francisco, Papa. *Exortação Apostólica Pós-sinodal «Evangelii gaudium.»* 24 nov. 2013. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.
- Francisco, Papa. *Carta Encíclica «Laudato Si'.»* 24 maio 2015. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html.
- Francisco, Papa. *Carta Encíclica «Fratelli Tutti.»* 03 out. 2020. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html.
- Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 59.^a ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

- Galeano, Eduardo. *El libro de los abrazos*, 29.^a ed. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2009.
- Gracia, Diego. «Hard Times, Hard Choices: Founding Bioethics Today.» *Bioethics* 9, no. 3 (jul. 1995): 192-206. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8519.1995.tb00355.x>.
- Ho, Anita e Iulia Dascalu. «Global Disparity and Solidarity in a Pandemic.» *Hastings Center Report* 50, 3 (maio-jun. 2020): 65-67. <https://doi.org/10.1002/hast.1138>.
- Jennings, Bruce. «Introduction.» In *Encyclopedia of Bioethics*, 4th ed., vol. 1, ed. by B. Jennings, xv-xxii. Farmington Hills: Macmillan, 2014.
- João Paulo II. *Carta encíclica sollicitudo rei socialis* (30 de dezembro de 1987). http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html.
- Passos, João Décio. «A pandemia na encíclica *Fratelli tutti*: irmãos no planeta em crise.» *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura* XVI, 64 (2020): 89-95.
- Pfefferbaum, Betty. «Mental Health and the COVID-19 Pandemic.» *The New England Journal of Medicine* 386, 6 (agos. 2020): 510-512. <https://doi.org/10.1056/NEJMp2008017>.
- McGuire, Amy L. *et al.*, «Ethical Challenges Arising in the COVID-19 Pandemic: An Overview from the Association of Bioethics Program Directors (ABPD) Task Force.» *The American Journal of Bioethics* 20, 7 (2020): 15-27. <https://doi.org/10.1080/15265161.2020.1764138>.
- Reyes, Maritza Vasquez. «The Disproportional Impact of COVID-19 on African Americans.» *Health and Human Rights Journal* 22, 2 (dez. 2020): 299-307.
- Martins, Alexandre A. «A violência contra a terra: o rosto Crucificado na terra crucificada.» In *A moral do papa Francisco: um projeto dos descartados*, ed. by R.; Zacharias e M. I. Castro Millen, 173-196. Aparecida: Editora Santuário, 2020.
- Nunes, João. «A pandemia de COVID-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global.» *Cadernos de Saúde Pública* 36, 4 (2020): 1-4. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00063120>.
- The Lancet Editorial. «Science During COVID-19: Where Do We Go from Here?» *The Lancet* 396, 10267 (dezembro 2020): 1941. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)32709-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)32709-4).
- Vaz, Henrique de Lima. «Transcendência: Experiência Histórica e Interpretação Filosófico-Teológica.» *Síntese: Nova Fase* 19, 59 (1992): 443-460.

World Health Organization. «Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard.» Acesso 22 dez. 2020. <https://covid19.who.int/>.

Artigo submetido a 03.02.2021 e aprovado a 26.02.2021.



